

A MENSAGEM DOS PROFETAS PARA OS NOSSOS DIAS

Preparado pelo Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho para a Igreja Memorial Batista de Brasília, 20 de junho de 2005

Este é o tema que foi acertado para este encontro. Pensei, em primeiro momento, em fazer uma síntese do pensamento de cada profeta e como este pensamento se destinaria às nossas igrejas. Mas isto demandaria mais tempo do que dispomos. Optei por seguir outra linha, iniciando com uma análise do profetismo como movimento religioso mostrado pelo Antigo Testamento. Depois, abordar o evento no Novo Testamento, quando da formação da igreja, da transição do judaísmo para o cristianismo. Mostrados estes pontos, levantar uma questão: há espaço para profetas em nossas igrejas? Mas sobre todas estas considerações, manter a linha proposta: como a mensagem dos profetas nos alcança? Devemos considerar, nesta última preocupação, o quanto da mensagem das profetas se restringe a Israel e o quanto nos serve. Com a graça de Deus nos ajudando, e a misericórdia dos irmãos nos tolerando em nossas limitações, tentaremos chegar lá.

1. ONDE SURTIU O MOVIMENTO PROFÉTICO?

O profetismo não foi algo inédito em Israel. Não surgiu entre os hebreus. Sua origem é encontrada entre os pagãos. Um sociólogo de religião imediatamente mostraria como os hebreus foram influenciados pelo ambiente pagão. Ou como o ambiente religioso em que estavam culturalmente imersos vazou para dentro de sua experiência religiosa. Assim se mostraria a fé do Antigo Testamento como uma cópia ou, quando muito, uma evolução do paganismo. E como todas as sociedades são iguais ou copiam-se umas às outras.

Mas as diferenças são óbvias. Entre os pagãos, a profecia era, basicamente, adivinhação do futuro ou orientação ao governante. Faraó possuía sua legião de orientadores religiosos, geralmente denominados de sacerdotes. Em Daniel vemos os astrólogos e adivinhos a serviço da corte. A finalidade da profecia entre os pagãos era a orientação real em negócios, guerras e decisões políticas. Em Israel a orientação política se fazia presente, mas a fundamentação era ética e moral. Natã confrontou Davi com seu erro. Elias bateu de frente com Acabe. Aliás, como bom pagão, este rei, bem como sua esposa pagã, Jezabel, possuíam profetas que vivam às suas expensas e lhes diziam o que queriam ouvir. Em 1Reis 22, Josafá e Acabe estão para fazer uma aliança. Josafá quer uma orientação de Iahweh e pede a Acabe para consultar “a palavra de Iahweh”. Acabe traz seus profetas falsos, que os estimulam a lutar contra o rei da Síria. Mas Josafá sabe que são profetas falsos e pergunta nestes termos: “Não existe aqui mais nenhum profeta do SENHOR, a quem possamos consultar?” (v. 7). Contrafeito, Acabe responde que há um, mas que só fala mal dele. Chama Micaías, que primeiro confirma os profetas falsos. Acabe sabe que Micaías está zombando, esbofeteia-o e manda prendê-lo, até ele, Acabe, voltar da guerra. Micaías diz que ele vai morrer, não vai voltar. Esta é a diferença. O profeta pagão estava a serviço do rei. O profeta de Iahweh estava preso à uma palavra de fundo moral. Em Amós 3.8, por exemplo, o profeta é como alguém que ouviu o rugido de um leão. Iahweh é um leão rugindo, como não ouvir? Como não falar?

Além da profecia entre os pagãos não ter fundo moral e ético, era algo episódico, sem sentido para a história, voltado para o momento. Tratava de questões de varejo, nunca de atacado, sem uma visão do mundo e da história. E nenhum desses profetas pagãos registrou, para a história, o conteúdo de suas pregações. Nem deixou um legado moral para a posteridade.

Uma prática antiga, anterior aos hebreus, era a lecanomania, dos cananeus. O *baru*, como se denominava o profeta cananeu, derramava azeite em uma taça de ouro, mexia até surgirem figuras, e as interpretava como uma revelação de sua divindade. Era uma busca de resposta às suas

questões. Os cananeus também praticavam a hepatoscopia, que vinha a ser a leitura do futuro nos canais do fígado do animal. Sacrificavam um animal à sua divindade, e procuravam ler, em suas veias, orientações ao governante. Havia, ainda, o culto aos carvalhos, que eram respeitados por sua longa vida e copa frondosa, num deserto. Lembremos do carvalho de Moré, em Gênesis 12.6: “Abrão atravessou a terra até o lugar do carvalho de Moré, em Siquém. Naquela época os cananeus habitavam essa terra”. *Moré* significa “mestre”. Este era, especificamente, o carvalho mestre, dos cananeus. O profeta ingeria alucinógenos, entrava em transe, e procurava interpretar o ruído do vento passando pelas folhas como voz divina. Um rei de Jerusalém, Roboão, agiu como pagão: colocou altares debaixo de árvores frondosas, como lemos em 1Reis 14.23. Temos aqui um provável registro de uma prática cananita infiltrada em Israel. Talvez tivesse ele profetas cananeus a seu serviço.

Como podemos ver, embora sucintamente, o profetismo pagão consistia sempre de adivinhações, sem prescrições éticas e sem a formação de uma consciência nacional sob o cuidado da Divindade. Como diz Paulo em Romanos 1, como deixaram Deus de lado, “Deus os entregou”. Deixaram Deus de lado e foram deixados por ele. Foram buscar resposta no nada, pois fora de Deus só existe o nada. Seu movimento profético se tornou um nada na história.

2. O QUE É UM PROFETA, ENTÃO?

O que é um profeta? O que significa profecia? O que o Antigo Testamento ensina sobre esta figura? E o Novo Testamento, o que tem para nos dizer? Os pastores são profetas? Há uma classe com este nome nas igrejas? Tentaremos responder estas questões, começando pela definição do que seja um profeta.

Pensamos em profeta como se este fosse um adivinhador de eventos futuros. É uma generalização equivocada. O profeta era, acima de tudo, um arauto da Palavra de Deus ao povo. Eventualmente, neste anúncio, havia a predição. Profecia e predição não são sinônimos. Apaguemos isto de nossa mente. A profecia podia conter a predição, como acessório, não como cerne. Mas a mera predição não era profecia.

Os termos hebraicos nos ajudam a entender o que estamos falando. A palavra “profeta” aparece aproximadamente 660 vezes na Bíblia. Destas, 440 vezes no Antigo Testamento e 220 vezes no Novo Testamento. No Novo, a função básica do profeta (em grego, *προφήτης* = profeta; *προφητεύω* = profetizar) era de falar aos homens para “edificação, exortação e consolação” (1Co 14.3;29-32; Ef 4.11-13). Mas comecemos pelo Antigo Testamento. Há três termos que são os mais comuns e que são traduzidos em português pela palavra “profeta”. Há outras palavras, mas fiquemos com estas três, comentando-as um pouco e referenciando as demais.

(1) *Nābhi*. Seu sentido é “declarar, anunciar, falar por, representar”. Assim entendemos que o profeta era um “porta-voz especial de Deus”, agindo como um embaixador, anunciando a vontade de Deus para o povo, especialmente em época de crise. Ele pregava a justiça, principalmente nos momentos de decadência moral e espiritual. Era um procurador dos negócios de Iahweh na terra. *Nābhi* é o termo mais comum e o mais solene. Tornou-se, praticamente, o padrão profético. Principalmente por causa do texto de Deuteronômio 18.15, único texto da Lei que fala da profecia, institucionalizando-a: “O SENHOR, o seu Deus, levantará do meio de seus próprios irmãos um profeta como eu; ouçam-no”. Israel sempre esperou um Profeta como Moisés. Volto a isto, mais à frente.

(2) *Rō’eh*. Seu sentido é “vidente, aquele que vê”. O profeta era alguém que podia penetrar no futuro e revelá-lo (Dt 18.21-22). Esta capacidade confirmava a origem divina da mensagem do profeta. Mas ia além da adivinhação. Ele tinha uma visão correta da história e via as coisas invisíveis de Deus (2Rs 6.14-17; Hb 11.27).

(3) *Hôzeh*. Seu sentido é o mesmo de *rô'eh*, “alguém que vê”. Em Amós 7.12, Amazias o usa para Amós. Este uso me parece intrigante. Amazias, um falso profeta, sabia que Amós via as palavras de Deus. 1Crônicas 29.29 usa estas três palavras, ao falar de Samuel, o *rô'eh*, de Natã, o *nâbhi*, e de Gade, o *hôzeh*. 1Samuel 9.9 parece indicar que *nâbhi* e *rô'eh* eram algo diferente no início, e depois tornaram-se sinônimos. Parece-me que *nâbhi* passou a ser usado para um grupo de pessoas e *rô'eh* para um indivíduo. Já o termo *hôzeh* se relaciona com *hazon*, traduzido por “visão” (Is 1.1).

(4) Outros termos também empregados são: *sophi'ym*, “atalaia” (Jr 6.17; Ez 3.17; 33.2,6-7), *shomer*, “atalaia, sentinela, guarda” (Is 21.11-12; 62.2) e *ra'ah*, que significa “pastor” (Jr 23.4; Ez 34.2-10; Zc 11.5,16). Os profetas também foram conhecidos como: “homem de Deus” (referindo-se à intimidade espiritual, 1Sm 9.6), “filho do homem” (no sentido de sua identificação com o povo, Ez 2.1,5-6,8; 3.1,3-4 etc.). Eles estudavam, interpretavam e ensinavam a lei de Deus ao povo. Mas nunca como meros professores, acrescentando informações, e dando opiniões pessoais, e sim advertindo dos perigos da desobediência.

3. O PRIMEIRO PROFETA E O PROFETA PADRÃO

O primeiro *nabhi* é Abraão. Pela primeira vez a Bíblia usa o termo, em Gênesis 20.7, referindo-se a ele. Deus manda Abimeleque devolver Sara a Abraão “porque ele é profeta”. Ele deve ser respeitado como um homem de Deus. “Ele orará por ti”, é a segunda observação divina. O profeta é um intercessor, um abençoador de quem faz a vontade de Deus, neste contexto.

O segundo vulto chamado de profeta é Moisés, em Deuteronômio 18.15. “O Senhor teu Deus suscitará um *nabhi* como eu...”, diz ele. O termo passou a ser entendido messianicamente, mais tarde. Por causa desta declaração, os judeus esperavam um novo Moisés, um Grande Profeta, como lemos em João 1.21, na pergunta feita ao Batista: “Perguntaram-lhe: “E então, quem é você? É Elias?” Ele disse: “Não sou”. “É o Profeta?” Ele respondeu: “Não”. É por isso que Jesus passa 40 dias no deserto. Moisés passou 40 anos. Ele é o novo Moisés, o Grande Profeta esperado desde Deuteronômio 18.15, previsto, portanto, na Lei. Tudo do Antigo Testamento se encerrou nele e com ele um novo tempo surgiu. Lemos em Lucas 16.16: “A Lei e os Profetas profetizaram até João. Desse tempo em diante estão sendo pregadas as boas novas do Reino de Deus, e todos tentam forçar sua entrada nele”. Ele fecha o que Moisés iniciou.

Consideremos o surgimento do conceito de “profeta”, em Israel. Abraão e Moisés nada videnciaram. Há advertências feitas por Moisés, mas mais de acordo com o cumprimento ou não da Lei, nunca em termos de descortínio de futuro. O primeiro profeta é um homem que tem uma relação especial com Deus. o segundo também é um homem de relação especial com Deus. O primeiro se caracteriza pela obediência. O segundo, pela proclamação da revelação de Deus aos homens.

O profeta é um homem comissionado por Deus, obediente à sua vontade, sem holofotes sobre si, sem se autoproclamar como profeta. Isto é mais visto pelo povo que anunciado pelo profeta. O profeta verdadeiramente profeta, além de ser chamado por Deus e não autoneameado, tinha o reconhecimento do povo, pelo seu caráter. Isto se vê na declaração de uma mulher a seu marido, sobre Eliseu: “Sei que esse homem que sempre vem aqui é um santo homem de Deus” (2Rs 4.9). Seu caráter fica evidenciado em sua vida.

4. OS PROFETAS PRÉ-CLÁSSICOS

Houve muitos profetas, ao longo da história, que ministraram ao povo de Deus, mas suas obras não constam no cânon das Escrituras. São chamados de “pré-clássicos”, exatamente por isto, porque seu ministério aconteceu antes dos profetas tradicionais, considerados como clássicos. Alguns

apenas profetizavam oralmente, sem registrar suas pregações. Outros escreveram mas suas obras se perderam. O Espírito Santo os usou, mas não preservou seus escritos.

Os nomes de alguns constam no Antigo Testamento: Gade (1Sm 22.5; 2Sm 24.11-19; 1Cr 21.9-19; 29.29; 2Cr 29.25); Natã (2Sm 7.2-17; 12.1-15; 1Rs 1.8-34; 1Cr 29.29; 2Cr 9.29; 29.25); Ido (2Cr 9.29; 12.15; 13.22); Semaías (1Rs 12.22; 2Cr 12.15); Afás (1Rs 11.29; 2Cr 9.29); Azarias (2Cr 15.1); Hanâni (2Cr 16.7-10); Jeú (1Rs 16.1-7; 2Cr 19.2,3; 20.34); Elias (1Rs 17 a 21; 2Rs 1.1-18); Micaías (1Rs 22.8-28); Eliseu (2Rs 1 a 9.1; 13.14-21); Zacarias (2Cr 24.20; Mt 23.35; Lc 11.51); Odede (2Cr 28.9-15).

Outros tiveram os nomes omitidos. São anônimos. Ficaram conhecidos como “profetas de Samuel em Rama” (1Sm 10.5-11; 18.10; 19.19-24); um “homem de Deus” (1Rs 13.1-24); o “velho profeta” (1Rs 13.11-32); os cem profetas escondidos por Obadias (1Rs 18.4); dois profetas desconhecidos (1Rs 20.13,35); os quatrocentos profetas de Acabe (1Rs 22.6-12); os “filhos dos profetas” discípulos de Elias e Eliseu (2Rs 2.3); em Jericó (2Rs 2.5); em Gilgal (2Rs 4.38); em lugar desconhecido (2Rs 6.1); um jovem profeta (2Rs 9.1-10).

Os pré-clássicos foram pregadores em momentos de crise, com mensagem restrita à aquela época. Entre eles os profetas Elias e Eliseu, também tidos como profetas orais. Os profetas clássicos são os profetas escritores, que deixaram grandes princípios espirituais para todas as épocas. São dezesseis, autores de dezessete livros proféticos (Jeremias escreveu dois livros, se considerarmos Lamentações como de sua autoria). Nossa visão de profeta é condicionada por eles, os clássicos, e pelo descortínio de futuro que apresentam, além do chamado “sermão profético”, de Jesus. Assim pensamos no futuro. Mas o verdadeiramente profeta é aquele que traz uma mensagem da parte de Deus que pode se aplicar às pessoas que o ouvem, e, muitas vezes, deixando princípios para as demais gerações posteriores.

5. PROFETAS NO NOVO TESTAMENTO

Já vimos o suficiente, para nosso propósito, sobre profecia no Antigo Testamento e no judaísmo. Isto foi necessário para termos uma visão global do evento e suas raízes históricas. Agora podemos entrar no Novo Testamento.

Encontramos homens e mulheres chamados de profetas e profetisas e a profecia é mostrada como um dom do Espírito (Ef 4.11). O contexto difere do contexto do Antigo Testamento e também do nosso. Há um profeta que vaticina, mostrando o que aconteceria a Paulo (At 21.11-12) e anunciando uma fome no Império Romano (At 11.27-30). Fala-se das quatro filhas de Filipe (At 21.9), mas nada mais temos sobre elas.

Voltemos ao Antigo Testamento, por um pouco, para ampliar nosso pensamento. Em Jeremias 2.26 lemos: “Assim como o ladrão fica envergonhado quando é apanhado em flagrante, também a comunidade de Israel ficará envergonhada: seus reis e oficiais, seus sacerdotes e profetas”. O poder político estava calcado sobre reis e oficiais. O religioso, sobre sacerdotes e profetas.

Fiquemos, então, com o aspecto religioso. Consideremos o profetismo pelo ângulo da revelação. Israel estava edificado, em termos de revelação, sobre “sacerdotes e profetas”. Os primeiros zelavam pela revelação trazida por Moisés. Os segundos escreveram uma revelação. Esdras era sacerdote, mas contribuiu com a revelação. Se Samuel escreveu o primeiro livro que tem seu nome, eis aqui um sacerdote escritor da revelação. A igreja está edificada sobre “apóstolos e profetas” (Ef 2.20). O propósito do sacerdotalismo foi cumprido em Jesus. Sua existência em Israel, que se expressava pelo levitismo do templo, cede lugar à Palavra revelada. Parece-me que os

profetas do Novo Testamento faziam o papel da Palavra ainda não concluída. Não temos uma eclesiologia completa em Atos, onde a igreja ainda está sendo formada (somente em Atos 15 é que ela se separa do judaísmo). Parece-me que os profetas neotestamentários eram a voz de Deus naquele momento histórico. Ou seja, vejo-os como provisórios, como o dom de apóstolo me parece ter sido provisório. Assim como o profeta em Israel nunca podia ultrapassar a Palavra revelada, devendo ser morto quando o fazia (Dt 13.1-6), o profeta do Novo Testamento não pode ultrapassar o revelado. Não precisa ser morto, mas deve ser desprezado, posto de lado. Mas a revelação foi feita pelos apóstolos ou sob sua orientação (como Lucas).

Embora as listas de dons em 1Coríntios 12 e Efésios 4 incluam o ofício de profeta, em lugar algum do Novo Testamento vemos alguém sendo estabelecido ou ungido, ou, ainda, sendo separado como profeta. Parece-me que o profeta do Novo Testamento estava mais ligado a uma comunidade local, a uma igreja local, como edificador dentro da Palavra, enquanto esta não se completava. Bem diferente do profeta do Antigo Testamento, que é um andarilho, com visão e ministério “extra-paroquial”. Podemos parafrasear 1Coríntios 14.bb: “aquele que profetiza edifica a igreja”. Coloquei “igreja” em vez de “Igreja” porque quero seguir o sentido original do Novo Testamento, que nunca usa o termo *eklesia* para uma instituição e sempre para uma comunidade local de cristãos. Por isto que sigo por esta linha, de que o profeta neotestamentário era mais um edificador da igreja local que um profeta nos moldes do Antigo Testamento. Ele não escreveu uma revelação, como o profeta do Antigo Testamento, porque o clímax da revelação se deu em Jesus. Não foi um processo de mais de um milênio, mas um evento de apenas três anos, o tempo do ministério de Jesus, que demandou mais tarde uma profunda reflexão, orientada pelo Espírito Santo, para completar a revelação neotestamentária.

Valho-me da obra *O Didaquê*, datada ao redor do ano 90 de nossa era, no máximo até o ano 100. Ela é considerada como um manual de doutrina da igreja primitiva. E diz o seguinte sobre o trabalho de mestres itinerantes, no ensino das igrejas. Diz o texto de 11.4-7: “Todo apóstolo que venha a vós seja recebido como o Senhor, porém não permanecerá mais que um dia, e se houver necessidade, ainda ao outro dia; mas se permanecer três dias, é um falso profeta. E tendo saído o apóstolo nada tomará para si, a não ser pão, até o próximo alojamento. Mas se pede dinheiro é um falso profeta”.

Não estou atribuindo ao *Didaquê* a categoria de obra inspirada, à semelhança dos escritos bíblicos. Estou reconhecendo-o como uma obra histórica e como uma espécie de manual doutrinário da igreja primitiva. E chamo a atenção para a conexão que ele faz entre apóstolo, profeta e pregador itinerante. É uma função a serviço da igreja local. Também é significativo o método para se descobrir se é falso: se busca levar vantagem pessoal no exercício da função.

Uma pergunta sempre é feita, quando falamos de profetas no Novo Testamento e na vida da igreja. Precisamos de profetas hoje? Respondo com outra pergunta. Não pelo estilo socrático, mas para abrir um caminho por onde andarmos. Precisamos de sacerdotes hoje? Porque o judaísmo repousava sobre sacerdotes e profetas, como dissemos anteriormente. Não precisamos mais de sacerdotes, porque Cristo é o Sumo e Grande Sacerdote de nossa fé. Também não precisamos de profetas, porque Cristo é mais que o Profeta esperado. Ao mesmo tempo, como corpo de Cristo, toda a igreja é uma comunidade de sacerdotes, porque toda ela tem acesso a Deus, por causa de Jesus. Ouso também dizer que toda a igreja é uma comunidade profética, porque toda ela tem a responsabilidade de anunciar os desígnios de Deus. Filipe, um dos sete escolhidos em Atos 6, incumbido de servir às mesas das viúvas, foi o evangelista que alcançou o eunuco para Cristo. Estêvão, também um dos sete, é um grande evangelista e se torna o primeiro mártir da igreja não por servir às mesas, mas por ser evangelista. Na realidade, à luz de Atos 8. 1 e 4, o crescimento da igreja se deu muito mais pelo testemunho generalizado dos cristãos, do que pela atividade de

algumas pessoas que viviam exclusivamente para a atividade eclesial. Isto não torna desnecessária a classe de pessoas que vivem exclusivamente para as atividades eclesial. Isto chama a atenção para a responsabilidade de toda a igreja se envolver na obra da igreja, pois todos são profetas.

Algo que não se pode perder de vista no Novo Testamento é a universalidade do povo de Deus, acabando com o sacerdote em contraposição ao leigo. Não gosto do termo “leigo” para os não pastores. Não me parece teologicamente correto. Todos os crentes são sacerdotes, todos os crentes são profetas. Tenho receio que esteja a se fazer novamente a instituição de classes detentoras da autoridade religiosa em nossas igrejas. É diferente dos ofícios pastoral e diaconal. Falo da instituição de pessoas com exclusividade de acesso a Deus e com prerrogativas exclusivas delas, que ninguém mais pode exercer. Nosso sistema congregacional, forma de governo que entendemos expressar mais de perto o Novo Testamento, nos ensina isto: toda a igreja é responsável pela obra de Deus em todos os níveis. O fundamento teológico básico do congregacionalismo é que o Espírito foi derramado sobre toda a carne, e não mais, como no Antigo Testamento, sobre classes de pessoas.

6. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS A ESPERAR DE QUEM SEJA PROFETA CONTEMPORÂNEO

Com base nas considerações feitas até aqui, podemos estabelecer algumas características que devem ser encontradas no profeta contemporâneo, ou em quem pretenda sê-lo. É um princípio teológico que assumimos o fato de que consideramos a revelação como completa. Ela não é algo ainda por fazer, nem um colcha de retalhos, onde cada um pode colocar o remendo que desejar. Tampouco (ou por causa disso), o pretendido profeta contemporâneo pode pensar que é um *freelancer*, que diz o que deseja. Ser profeta não é dirigir desaforos ao povo, o que pode ser produzido por um temperamento agressivo, por mau humor ou, ainda, por falta de educação. Por isso que não gosto de ver nossos seminários chamados de “casa de profetas”. Isto tem dado a muitos pastores a noção de que não têm vínculos com ninguém, nem devem satisfação a ninguém, como os profetas veterotestamentários. Prefiro o termo “casa de servos”. O pastor deve ser um servo da Jesus e da igreja, que não é dele, mas à qual ele serve. Mas quase “me comeram o fígado” quando abordei isto, em uma conferência para diretores e professores de seminários. Todo mundo quer bater nos outros, e na igreja; poucos querem consolá-la, ser-lhe útil, enxugar-lhe as lágrimas.

O profeta não é um temperamental emburrado, brigado com todo o mundo. O sentimento angustiado de Jeremias nos mostra um homem que prega sofrendo e chorando com a mensagem que tem por pregar. Ele sabe o que vai acontecer ao povo, mas não se alegra. Está quase morrendo: “Ah, minha angústia, minha angústia! Eu me contorço de dor. Ó paredes do meu coração! O meu coração dispara dentro de mim; não posso ficar calado. Ouvi o som da trombeta, ouvi o grito de guerra” (Jr 4.19). Um profeta digno do nome ama o povo para quem prega. Há quem queira ser profeta para falar o que deseja, geralmente impropérios, ou banalidades, para adoçar a boca do povo. Mas o profeta que é profeta encarna a mensagem, sofre com o povo. Um bom profeta seguirá a linha do grande profeta que foi o Isaías da Babilônia, na abertura do momento mais poético de toda a Bíblia: “Consolem, consolem o meu povo, diz o Deus de vocês” (Is 40.1). Poderá haver repreensão, mas nunca poderá deixar de haver amor, ternura e misericórdia.

Com esta introdução geral, como delinheio o perfil do pretendido profeta contemporâneo? Antes de desenvolver as linhas, volto a ressaltar que entendo toda a igreja como uma comunidade sacerdotal e profética. Não creio em um grupo seletivo de pessoas, com a exclusividade destas marcas. É algo disponível para toda a igreja do Senhor.

(1) *Ele deve ser um instrutor do povo de Deus, dentro da Palavra de Deus.* Ele ensina os preceitos da aliança em Cristo, e anuncia à igreja a maneira correta de proceder. Sua palavra não vem apenas em nível individual, mas também em nível coletivo. Ele mostra os pecados de pessoas, mas também das instituições. O pecado tem uma dimensão social. Ele se incrusta nas instituições sociais que criamos, porque estas instituições refletem nossa natureza. Assim, instituições políticas, religiosas, sociais e denominacionais sofrem os efeitos do pecado. O profeta deve denunciar o pecado individual e estrutural e mostrar o caminho correto, que é o arrependimento, a mudança radical das atitudes. A crise de algumas de nossas juntas administrativas e de outras instituições não pode nem deve ser varrida para baixo dos tapetes. Nem apenas socorrida pelas igrejas locais, muitas vezes vistas apenas como pagadoras das contas mal administradas pela estrutura. Muitas dessas organizações se portam de maneira imperial na forma de tratar as igrejas, lembrando-se delas apenas quando precisam de ofertas para equilibrar sua contas administradas de maneira absolutamente desastrosas. Acalmem-se! Não quero cortar cabeça de ninguém, nem linchamento. Quero apenas ressaltar, como batista, a primazia da igreja local, como senhora de todo o processo denominacional, desde seus negócios até os negócios externos, criados para ajudá-la. Todos nós devemos obediência à igreja local, a comunidade sacerdotal e profética. Se há pecado, se há malbaratamento de recursos, desonestidade ou apenas incompetência, isto deve ser tratado como tal. O profeta não aceita o pecado nos indivíduos nem nas estruturas, mesmo as estruturas a serviço de Deus. Os profetas bíblicos denunciaram os pecados de Síria, Assíria, Egito, Edom, Babilônia, mas também os de Israel e Judá.

O profeta contemporâneo precisa fazer a Bíblia brilhar. Ela deve ser mais que o livro do qual se lê um salmo, na hora da reunião administrativa. Ela deve reger nossa vida em todas as áreas. Esta relação do profeta contemporâneo com a Palavra de Deus deve nos levar a uma reflexão. Neopentecostais usam muito o termo “a Palavra”. Se prestarem atenção, não se referem à Bíblia, mas a um conjunto que inclui a palavra deles. Palavra alguma de pessoa alguma pode ombrear-se à Palavra de Deus. Se alguém almeja ser profeta, e se a igreja se entender como comunidade profética, precisa saber disto: a Palavra de Deus, a Bíblia, deve ser o norte na vida dos cristãos.

(2) *O profeta tem uma cosmovisão.* Esta frase é bonita o suficiente para que muita gente queira ser profeta. Mas vamos definir bem do que estamos falando. Um profeta se rege por princípios, e não por conveniências. Ele tem um sistema de valores fechado, no sentido de um sistema ser completo, e analisa o mundo e denuncia, acusa e condena os desvios à luz deste sistema. É isto que chamamos de cosmovisão. Não vim para falar mal da vida alheia, mas há algo que me incomoda. Tenho visto pastores que fazem apologia do marxismo, que enaltecem a dúvida ao invés de enaltecerem a fé, que pregam conceitos e idéias que não se encaixam numa perspectiva do Novo Testamento. Não podemos assumir idéias, conceitos, atitudes e posições assumidos do mundo secular, sem submetê-los ao crivo da Escritura. Pensamos em mundanismo como questões de moda, mas é muito mais do que isto. É a assimilação da cultura corrompida do mundo. A ausência de uma cosmovisão bíblica nos leva ao mundanismo, a mente do mundo. Devemos lembrar-nos de 1Coríntios 2.16: “Nós, porém, temos a mente de Cristo”.

Exemplifico o que quero dizer, com o profeta Jeremias. Francis Schaeffer tem um livro intitulado *Death in the city*. É uma análise da sociedade à luz de Jeremias. O teólogo fundador da L’Abri mostra neste livro como o profeta foi pressionado para aceitar os pontos de vistas político, social e espiritual que grassavam em Jerusalém. Ele era uma voz destoante. Tinha uma visão que lhe vinha do Senhor, que não lhe permitia concordar com a posição do povo. Havia sacerdotes e profetas falsos que seguiam os conceitos populares, que embarcaram na canoa da opinião pública. Jeremias via as coisas do ponto de vista de Deus. Schaeffer mostra que tais profetas e sacerdotes eram eco da voz do povo. Jeremias era a voz de Deus. Esta é uma questão que pretendidos profetas e a própria igreja precisam considerar. O que queremos ser: eco da voz humana ou voz de Deus?

Por mais que nos crie problemas, é preciso reiterar isto: drogas são pecado porque destroem e escravizam. Não importa a apologia que a mídia faz de drogas leves, e que ensaios tidos como científicos mostrem que maconha, por exemplo, é um excelente remédio. Drogas arruinam a pessoa. A Bíblia diz que homossexualismo é pecado. A Bíblia deixa claro que motivos para divórcio são a quebra dos vínculos conjugais e conflitos de fé. A Bíblia deixa claro que fora de Cristo não há salvação, portanto qualquer diálogo religioso que abdique deste princípio é errado. Um teólogo católico colocar Jesus no mesmo patamar que Mãe Menininha de Gantois é, no mínimo, estranho, até porque a teologia católica não concorda com esta afirmação. Mas quando este teólogo encontra espaço entre batistas, é mais estranhável, ainda. Que cosmovisão é esta?

Vivemos numa época em que ter princípios é ser fundamentalista. O que vale é a flexibilidade. No entanto, muito da flexibilidade contemporânea é apenas incoerência, ou covardia, ou, ainda, preguiça de pensar. Vou gastar pouco tempo aqui. A razão é simples. Tenho refletido muito sobre isto, e tenho ficado indignado. Assim evito exacerbar-me nas considerações. Preocupa-me a ausência de coerência teológica e de um pensamento centralizado nas Escrituras, em geral, e em Cristo, em nível mais restrito. A Bíblia está sendo lida à luz de Marx, Freud, Nietzsche, Comte, Durkheim, e até de Michael Moore. À semelhança dos profetas precisamos estar presos à palavra falada por Deus, no nosso caso, a Bíblia. Profeta e comunidade profética devem dizer como Micaías: “Vive o Senhor, que o que o Senhor me disser, isto falarei” (1Rs 22.14).

(3) *O profeta verdadeiramente profeta sabe interpretar a história.* Isto não significa desenvolver o simplismo de marcar datas para aguardar o fim do mundo nem nutrir um apocalipticismo precipitado. Infelizmente, o alinhamento dos planetas, o Mercado Comum Europeu, Sadam Hussein, Bin Laden e outros menos votados fizeram vir à cena uma enxurrada de literatura de ficção escatológica. E mais infelizmente ainda esta literatura tem sido levada a sério por muita gente. Houve até “cursinhos” sobre o alinhamento dos planetas, em 1982. O que está sendo dito aqui é que o profeta é uma pessoa que sabe para onde a história vai. Ela não é uma sucessão de fatos sem nexos. Ela segue para onde Deus determinou que siga. A Bíblia tem um “no princípio” (Gn 1.1), no início, e chega ao final com um “Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22.20). Entre os dois está Gálatas 4.4: “Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da Lei”. Entre o princípio e o fim há uma plenitude dos tempos, o momento climáxico da história, com a vinda de Jesus. Segundo João, todas as coisas foram feitas por Jesus, e sem ele, nada do que foi feito se fez. Ele é o princípio. É o clímax. É o fim. O profeta contemporâneo não deve recitar frases de efeito, mas ter uma centralização teológica em Jesus.

Os profetas tinham uma noção de história linear. Sabiam que ela caminhava para um ponto estabelecido por Deus. Assim é que eles puderam nutrir a consciência messiânica, de que Deus interviria na história. Ela é o palco da ação divina. Esta consciência de uma direção à história está intrinsecamente ligada à cosmovisão. É preciso nutrir uma fé global, tanto como pessoas quanto como igrejas. Temos visto comunidades com uma fé atomizada, enxergando um aspecto da fé cristã como o fundamental, e analisando o todo por esta parte. É uma fé que não enxerga e não explica o mundo com um todo. Uma interpretação profética da história significa entender o mundo à luz da Bíblia. Já se disse que o verdadeiro teólogo é aquele que tem a Bíblia em uma das mãos e o jornal diário em outra. Da mesma forma o profeta. Os profetas bíblicos não faziam adivinhações. Tinham noção de história. Até mesmo no Novo Testamento, como no caso da fome profetizada no tempo de Cláudio (At 11.28).

Isto significa reconhecer que não somos participantes de uma religião qualquer, internalizante de sentimentos, promotora de mero misticismo, mas participamos de um processo em que Deus age para conduzir o mundo a um ponto. Nós cremos na segunda vinda de Jesus. Cremos

na consumação da história. Cremos que haverá um ponto final. Não fazemos previsões atabalhoadas nem nos refugiamos num escapismo escatológico, mas reconhecemos que estamos inseridos no grande propósito do Senhor para este mundo. O profeta deve saber que o evangelho de Jesus é a única explicação para entendermos este mundo e nosso tempo. Deve saber que o mundo, a humanidade, a história, só podem ser entendidos à luz do evangelho de Jesus.

O profeta deve ser uma sentinela da história. Aliás, o termo *shomer*, empregado em Isaías 21.11-12 e 62.2, tem o sentido de “atalaia, sentinela, guarda”. O profeta individual e a comunidade profética precisa saber ler os sinais dos tempos. O acontecer e o fazer humano têm uma transcendência divina. Profeta que é profeta tem uma visão global da história e dos eventos, nunca os vendo de forma atomizada e descontínua. Isto alimenta nossa fé: nós sabemos em quem temos crido, sabemos onde as coisas vão terminar. Terminarão nas mãos daquele em quem temos crido. Por isto nunca desanimamos na fé ou no serviço cristão. Esta é uma das mais agradáveis recordações da atividade dos profetas do Antigo Testamento. Eles sabiam a quem serviam, sabiam que mesmo mal vistos pelo público, estavam desempenhando o que Deus esperava deles, colocaram-se no centro da vontade divina e escreveram a história da revelação. Séculos depois, paramos para refletir sobre seus ensinamentos. Conhecer a história como produto da ação divina e inserir-se no propósito divino dá um fantástico sentido à nossa vida.

(4) *O profeta é um consolador do povo de Deus.* Eu estava fazendo conferências teológicas em uma de nossas instituições de ensino, exatamente sobre profecia. Uma jovem de um grupo pentecostal assistia à palestra e parece-me que as palavras a pegaram no contrapé, o que se via pelo seu ar meio constrangido. Sem vaidade, até porque sou muito crítico com o que apresento, sempre achando que não ficou muito bom, Deus nos agraciou naquela noite e fomos enriquecidos com a ação do Espírito de Deus. E o povo estava feliz, sentindo que Deus nos abençoara naquela reunião. Mas a jovem profetisa, que era acatada em sua igreja, não podia permanecer à sombra em algum evento. Tinha que chamar a atenção para si. Sofria da doença que John Stott chama de “holofote”. E como os doentes costumam ter ataques, ela teve “um ataque profético”. E fez como acha que um profeta deve fazer: atacando todo o auditório, que estava em júbilo espiritual. No típico linguajar do Antigo Testamento (será que os profetas não tornaram sua linguagem mais coloquial?) e parecendo em transe, a jovem desancou todo mundo que ali estava. E ninguém lhe deu a menor atenção, o que a deixou mais agastada.

Um profeta não é sempre um desmancha prazeres. Ao mesmo tempo em que mostra o pecado, ele consola. “Consolai, consolai o meu povo”, diz Isaías 40.1. O profeta mostra as promessas de Deus para os que sofrem e apresenta a bênção divina para os que se arrependem. Deus restaura os oprimidos, diz o profeta. A função do profeta contemporâneo não pode ser a de anunciar catástrofes, apenas. Ele é o arauto de um novo tempo. É o pregoeiro do amor e da misericórdia de Deus. Ele vem ao encontro dos que sofrem em seus pecados, e lhes traz uma promessa de restauração. O profeta estimula as pessoas a dependerem da graça de Deus. Neste sentido, que papel extraordinário a igreja de Jesus pode desempenhar nesta geração, dirigindo-se a um mundo sem rumo, desorientado em seus pecados e perdido em suas lucubrações, que é o de dizer-lhe que Deus tem graça e misericórdia! Em nosso contexto contemporâneo esta é uma das maiores necessidades. O mundo sofre e necessita de uma mensagem de esperança e de conforto. Já há catástrofes em demasia no mundo. Este precisa desesperadamente de uma palavra de consolo. E lembremos que o Espírito Santo não é chamado de “Agravador”, nem de “Acusador” (aliás, Acusador é Satanás). O Espírito é chamado de Consolador. E é ele quem deve dominar o profeta.

A personalidade do profeta é multifacetada, apresentando aspectos variados. Ele sabe discordar, sabe denunciar, sabe condenar, sabe confortar, sabe ensinar, sabe interpretar, sabe estimular. Não é um fanático ignorante deblaterando coisas inúteis, nem um boçal que deseja trazer o

mundo ao seu ponto de vista pessoal. É uma pessoa que entende o mundo pela ótica da Palavra de Deus, que o analisa por esta ótica, que faz da Palavra de Deus a sua lente. E prende-se à Palavra de Deus. Um profeta deve dizer como Martinho Lutero, na sua famosa palavra de separação: “minha consciência é cativa da Palavra de Deus”, e não inventar palavras de Deus, atribuindo ao Senhor o que o Senhor nunca desejou dizer.

CONCLUSÃO

Bem, aonde chegamos? Se a proposta do preletor era o de mostrar a mensagem dos profetas para os nossos dias, o que foi mostrado? Não fiz uma contemporaneização das frases e ditos dos profetas. Procurei mostrar o que entendo por um profeta, segundo a perspectiva bíblica. Declarei, sem receios, e sem titubear, que considero a igreja como uma comunidade profética, porque ela traz as marcas do povo que anuncia as grandezas de Deus e se aferra à Palavra de Deus. A contemporaneidade da mensagem dos profetas reside aqui: os grandes princípios da pregação deles permanecem válidos ainda hoje. A Palavra de Deus não passa, não perde seu valor porque este é eterno. E é competência da igreja de Jesus anunciá-la ao mundo. Não pregamos uma mensagem embolorada, com cheiro de formol, mas uma mensagem viva, dinâmica, atual e relevante. Vamos deixar bem caracterizado o que é um profeta, tentando concluir as considerações, para vermos o valor de nossa pregação ao mundo.

Primeiro, compreendamos bem que o profeta não é um megalomaniaco, exaltando suas virtudes ou criando um fã-clubes que o aplauda. João Batista encerra a linhagem dos profetas veterotestamentários. Lembremos sua palavra em João 3.30, referindo-se a Jesus: “É necessário que ele cresça e que eu diminua”. Um profeta verdadeiramente profeta e uma igreja que seja uma comunidade profética têm uma sublime obsessão: exaltar o nome de Jesus. Muitos dos “profetas” e “profetisas” contemporâneos não têm um rebanho, até porque rebanho dá trabalho. Têm fã-clubes. O foco do seu ministério está voltado para eles. É chocante e deprimente o culto à personalidade no cenário evangélico contemporâneo. Concordo, *in totum*, com as palavras de Wiersbe, que transcrevo a seguir: “O evangelho tornou-se um alto negócio, toda a sorte de estranhos pássaros estão empoleirados nos seus ramos. O culto da personalidade tornou-se um círculo vicioso, e estamos agora promovendo ministérios e mercadorias do mesmo modo que o mundo promove pasta de dente e carros usados” (Wiersbe, *Crise de integridade*, p. 33).

O profeta não monta uma máquina publicitária para projetar seu nome. Não coloca seu nome em gás néon. É um homem de Deus, a serviço de Deus, e nunca a serviço de suas próprias idéias e sentimentos. Jeremias chorou de dor pela mensagem que pregou. Da mesma forma, o Senhor Jesus chorou por Jerusalém. O profeta é escravo da Palavra de Deus. Não produz uma revelação nova, mas subordina-se à existente. Ela o invade e o domina.

Segundo, precisamos, como pessoas e como comunidade, de integridade pessoal. Para ser uma voz discordante, não ser cooptado pelo sistema mundano de valores que domina e massifica a sociedade, ser uma voz denunciadora e também consoladora é necessário ter integridade. Os profetas não eram pessoas levianas. Tampouco buscavam vantagens ou riquezas pessoais. É oportuno relembrar, neste contexto, o Didaquê 11.10: “Todo profeta que ensina a verdade, se não pratica o que ensina, é falso profeta”. Profetas autênticos são pessoas sérias, possuídas por convicções divinas. Da mesma forma, como comunidade profética, comunidade que tem o Espírito que falou pelos profetas, a igreja de Jesus precisa ser uma comunidade séria, respeitada pelo mundo. O mundo pode desejar uma igreja que massageie seu ego, mas nunca a respeitará. Cabem aqui as palavras de Bertrand Russel, que alguns chamam de filósofo, mas que como intelectual foi fraco para receber este título. Ele era um ateu que escreveu sobre Filosofia, mas deixou-nos esta frase: “Só respeito os cristãos que tentam me converter”.

Esta integridade pessoal não virá por rabugice, mas por mostrar que encarnamos o que pregamos. Que nossa mensagem falada é uma mensagem, primeiro, vivida.

Terceiro, precisamos entender nosso tempo. Isto é diferente de amoldarmo-nos a ele ou fazermos concessões. Significa conhecer nossa época, nosso lugar, o pensamento de nossa geração. Não podemos confundir profetismo com possessão espírita. O profeta é uma pessoa em plena posse de suas faculdade intelectivas, estando perfeitamente consciente de si quando prega. Se estiver no púlpito não pode dizer o que pensa e depois dizer que foi “um sermão atravessado”. Ele não é possuído por alguma entidade que o deixa fora de si, como se fosse um médium espírita. Ser tomado pelo Espírito de Deus não invalida a personalidade do profeta nem sua responsabilidade pelo que diz. “Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas” (1Co 14.32). Voz profética não é desculpa para agredir, infamar e caluniar as pessoas.

Isto significa também que ser profeta não invalida estudar, refletir, amadurecer, crescer espiritual e teologicamente. O profeta é gente e deve se esmerar para se desenvolver como gente. Alguns profetas contemporâneos deixaram de ser gente. São criaturas humanas horrorosas. E há igrejas que acabam se tornando usinas de neuroses e de patologias, ao invés de ministradoras da graça. Isto não é uma comunidade profética.

Há muito narcisismo no cenário evangélico, com uma incrível exibição de arrogância espiritual. O que há de “santo homem de Deus”, “canal especial de Deus”, “homem de palavra poderosa” trombeteados em programas evangélicos de rádio e televisão e revistas evangélicas é constrangedor. Muitas vezes isto encobre as deficiências de “profetas” que mal conseguem articular uma sentença gramatical correta, que emitem conceitos desconexos, que não vivem vidas irradiadoras da graça, e que, apesar de apostrofar os outros, colocam-se acima do bem e do mal, tendo-se como imunes às críticas. Eles têm “linha vermelha” com Deus e assim, não precisam de mais nada. Sabem tudo e querem mudar tudo, até a teologia de todo mundo. Gritam bem, têm voz forte, e dizem que têm “poder espiritual”, que os demais, “carnais”, não têm. Além de tudo, muitos deles dispõem de uma máquina de comunicações, logo o seu ponto de vista pessoal prevalece.

Quarto, ser profeta é uma atividade que só pode ser desempenhada de forma passional, algo feito com paixão, com fogo interno. O “entranhas minhas, entranhas minhas” de Jeremias 4.19 (VR) nos mostra um homem angustiado com o quem tem que pregar, mas que prega assim mesmo. É sua paixão. Da mesma forma, o “ai de mim, se não pregar o evangelho” de Paulo (1Co 9.16) deve ser também o clamor dos pretendidos profetas, quer como pessoas, quer como comunidades. Acima dos amores humanos deve permanecer a lealdade absoluta para com a Palavra que nos vem da parte de Deus. Isto significa que nunca podemos ser burocratas espirituais no tocante ao nosso testemunho ao mundo, mas sim pessoas que tenham ardor pelo que fazem.

Acima de tudo, o profeta autenticamente bíblico, e a comunidade profética que esteja orientada e aquecida pelo Espírito Santo, devem compreender que sua vida é para a glória de Deus, e não para sua glória pessoal. Se quisermos ser profetas, como pessoas e como comunidades, nossa vida deve ser vivida assim: para que Deus seja glorificado.